



Pedro tem catorze anos, perdeu o pai quando era criança e recebe a notícia de que sua mãe não sobreviveu a um acidente de carro. Só lhe resta morar com o tio, que o proíbe de ir ao enterro da mãe e até mesmo de visitar seu túmulo. Desconfiado, Pedro acredita que estão lhe escondendo alguma coisa e resolve dar uma de detetive.

Em busca da verdade — e com ajuda da amiga Marina —, Pedro revira a intimidade do tio, resgata momentos decisivos que viveu com a mãe e descobre segredos que vão influenciar toda a sua vida.

A DISTÂNCIA DAS COISAS • FLÁVIO CARNEIRO



BARCO
A VAPOR

A distância das coisas

Flávio Carneiro



PRÊMIO
BARCO
A VAPOR



sm

1 7 9 0 7 1

ISBN 978-85-418-1636-6



9 788541 816366



BARCO
A VAPOR

A distância das coisas

Flávio Carneiro



© Flávio Carneiro, 2007

Edição executiva: Graziela R. S. Costa Pinto

Coordenação editorial: Maísa Kawata

Preparação: Rodrigo Villela

Revisão: Carla Mello Moreira e Marcia Menin

Edição de arte: Natalia Zapella

Ilustração de capa: Andrés Sandoval

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carneiro, Flávio

A distância das coisas / Flávio Carneiro. — 2. ed. — São Paulo:
Edições SM, 2016. — (barco a vapor)

ISBN 978-85-418-1636-6

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

16-08047

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição 2008

2ª edição 2016

0ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

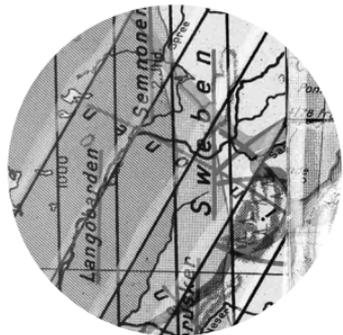
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

Para Angélica



● 1

É IMPORTANTE saber por que certas coisas são o que são. Quer dizer, saber por que acontecem de um jeito e não de outro.

O arco-íris, por exemplo. O arco-íris pode parecer muito estranho se você não sabe que ele é apenas o resultado da luz do sol brilhando num punhado de gotas de chuva. Tudo bem, mesmo sabendo disso ele continua sendo meio estranho, mas pelo menos é um estranho com motivo.

E é preciso comparar, sempre. É o que eu acho mais importante na vida, se você realmente quer ser um cara que entende algumas coisas.

Por exemplo: eu. Vários garotos no mundo têm catorze anos, sou apenas um deles. E se você pensar na história da humanidade, vai concluir que já existiram trilhões de garotos de catorze anos. E nenhum, olha só, nenhum deles era ou é igual a outro. Nem os gêmeos são completamente iguais.

Sem comparar, você nunca vai conhecer muito bem um garoto de catorze anos, é o que estou querendo dizer. Assim como jamais vai entender o que é o arco-íris.

Basta pensar que o arco-íris, na verdade, não existe

em um lugar específico do céu. É ilusão de ótica. As gotas de chuva refratam e refletem a luz do sol do mesmo jeito, mas apenas algumas chegam até você. As gotas que você vê são o arco-íris. Dependendo de onde você está, você o enxerga de um jeito ou de outro. Isso significa que não existe um único arco-íris, mas vários, cada um visto por um observador diferente.

Tem outra coisa: o arco-íris pode mudar de tamanho mesmo que você não saia do lugar, mesmo que fique parado feito uma estátua. Isso porque nosso cérebro é muito limitado e só consegue enxergar dentro de certo ângulo. A verdade é que nosso cérebro não dá conta do arco-íris.

Caso você ainda não esteja convencido, lembre-se de que algumas pessoas só imaginam a existência de um arco-íris de cada vez. Mas existem arco-íris duplos, dois arcos no céu ao mesmo tempo, a alguma distância um do outro. E no segundo deles a ordem das cores é invertida com relação ao primeiro, vai do azul para o vermelho. São raros, mas existem. E nem vou falar dos triplos.

Então você nunca vai poder descrever exatamente a imagem de um arco-íris, a não ser que faça comparações. Por isso é preciso comparar. Para não perder o sentido das coisas.



Meu pai morreu num acidente de carro quando eu tinha três anos. Não me lembro dele. Via as fotos e ficava tentando inventar alguma coisa, uma lembrança dele

me pegando no colo, falando comigo, fazendo as brincadeiras que os pais fazem com os bebês.

Mas isso é só invenção, a verdade é que eu não lembro. Gostaria de lembrar. É triste quando você não lembra.

Minha mãe dizia que ele era muito bom, o meu pai, e que me amava de verdade. Minha mãe também se foi, faz um ano. E meu tio, que agora é meu pai e minha mãe ao mesmo tempo, também vai morrer um dia. E Marina também. E eu também. Todo mundo morre um dia.

Mas é incrível que meu pai e minha mãe tenham morrido do mesmo jeito. Ou quase do mesmo jeito. Os dois de acidente de carro, os dois sozinhos, dirigindo os carros deles.

Há várias formas de morrer. Se você comparar, vai ver que as formas de morrer são muito diferentes umas das outras. Mesmo aquelas que parecem iguais na verdade são diferentes. Ninguém morre igual, é o que eu acho. Não sei bem o que isso quer dizer, mas acho importante pensar no assunto.

O bom é ter certeza das coisas. O problema é que você nem sempre pode ter certeza. Se você vê uma pessoa morta, dentro do caixão, sabe que ela morreu de verdade. Se vê essa mesma pessoa numa cama de hospital, sabe que ela não está bem, mas está viva. E se ela está do seu lado, como costuma ficar todo dia, você tem certeza de que ela não está nem doente.

Algumas pessoas sabem que a mãe está viva porque ela está ali. Ou sabem que ela já morreu porque foram ao enterro dela. Agora, ruim é quando você não

sabe se sua mãe está viva ou não, não sabe onde ela está, se andando na rua de alguma cidade ou enterrada num cemitério.

Não me deixaram ir ao enterro da minha mãe. Meu tio me disse que era melhor eu me lembrar dela viva. Era como se eu fosse carregar o retrato da minha mãe dentro da cabeça, que nem algumas pessoas carregam uma foto de alguém dentro da carteira, ele disse. E seria melhor que esse retrato fosse bonito, que ela aparecesse bem bonita na foto que eu levaria comigo para o resto da vida.

Eu não sabia se aquilo estava certo ou não, mas hoje sei que preferia ter ido ao enterro. Assim podia ter certeza. E depois era só trocar o retrato lá dentro da cabeça e pronto, tudo resolvido. Mas não fui.

E é aí que a minha história começa, com o fato de não ter ido ao enterro da minha mãe.

Depois vim morar com o meu tio, irmão dela. Não gosto do meu tio. Ou melhor, não gosto muito. Ele trabalha em alguma coisa que não sei bem o que é mas deve dar bastante dinheiro porque moramos num apartamento enorme. E é um trabalho que exige muitas viagens, ele mal para em casa. Chega, fica uns dois dias e depois viaja de novo.

Quem cuida da casa, das minhas roupas e da minha comida é a Irene, que trabalha para o meu tio há muitos anos (antes mesmo de eu nascer). Ela diz que gosta muito de mim, diz que me pegou no colo e me conta algumas histórias de quando eu era criança.

Um dia perguntei a Irene como era meu pai. Ela respondeu que era um homem educadíssimo, tratava todo mundo bem e gostava de ajudar as pessoas.

Ela me contou que uma vez passou mal, teve umas tonturas, uma palpitação esquisita e não podia pedir ajuda porque meu tio estava viajando e minha mãe não estava em casa. Então ela ligou para o escritório do meu pai e ele veio correndo. Meu pai levou a Irene ao hospital e ficou lá com ela. Depois comprou os remédios, cuidou de tudo.

Perguntei a Irene quem ela achava mais legal: meu pai ou meu tio. Ela ficou séria, não respondeu na hora.

E depois de um tempo disse que eu não devia fazer mau juízo do meu tio (ela já tinha percebido que eu não gostava muito dele). Disse que meu tio era legal também, como meu pai, não tinha nenhuma reclamação dele, nenhuma mesmo. E que o único problema era que ele trabalhava demais.



Meu tio paga minha escola e me dá tudo o que eu peço (não sou de pedir muito, principalmente depois que minha mãe morreu). Mas está sempre com a testa franzida e quase não fala comigo.

Quando eu era pequeno, achava que meu tio não gostava de mim. Depois vi que não, na verdade ele não gostava era de crianças. E minha mãe um dia confirmou isso, disse que ele era uma boa pessoa, só

não sabia como tratar direito as crianças, o que achei muito estranho.

Quando virei adolescente, pensei que a situação fosse mudar. Mas não mudou. Talvez meu tio não goste de adolescentes. Talvez quando eu ficar adulto ele goste de mim, mas duvido. É bem provável que ele também não goste de adultos.

E o pior de tudo: acho que ele mente. Odeio mentira. Sei que as pessoas costumam mentir, que é até normal uma mentirinha de vez em quando, mas odeio mentira.

Eu tinha quase certeza de que meu tio estava mentindo quando veio com aquela história do retrato e tal. Faz pouco tempo comecei a pensar nisso e então fui voltando na história, fui voltando e me lembrando de certas coisas, emendando umas nas outras até achar um sentido.

Veja se não tenho razão.

Fato real número um: logo depois da morte da minha mãe, quando me encontrava com alguns dos meus parentes não via ninguém vestido de preto. E no meio da conversa eles às vezes abaixavam a voz ou se viravam de lado, como se quisessem esconder alguma coisa.

Fato real número dois: ninguém nunca veio me dar os pêsames. Meu tio me dizia que era assim mesmo, não queriam me incomodar, achavam melhor não tocar no assunto. Nunca tive intimidade com meus parentes, minha família era mesmo só minha mãe, meu tio e eu. Por isso estive com eles poucas vezes, mas mesmo assim senti que estavam me escondendo alguma coisa.

Fato real número três: meu tio nunca me deixava visitar o túmulo da minha mãe nem me dizia em qual cemitério ela estava. Teve uma vez que ele me disse que ia visitar o túmulo da minha mãe. Pedi para ir junto, mas ele respondeu:

“Cemitério não é lugar de criança.”

“Não sou criança. E já fui várias vezes ao cemitério, visitar o túmulo do meu pai.”

“Agora é diferente, não vou levar você ao cemitério.”

Foi assim, juntando os fatos reais número um, dois e três, que cheguei à conclusão de que ele estava mentindo. Além disso, tinha também um pouco de intuição nessa história. E você não sabe ainda, mas vou lhe dizer, sou o tipo de cara que acredita em intuição.



É o seguinte: eu achava que minha mãe estava viva.

Pode ser que não tivesse motivos tão fortes para achar isso (se você considerar que os fatos reais de que falei não são muito convincentes), mas também não tinha motivos para não achar.

Se meu tio tivesse me levado ao enterro, e depois ao cemitério (e lá eu veria a placa com o nome da minha mãe), poderia ter certeza. Mas como não aconteceu nada disso, havia 50% de chance de minha mãe estar morta e 50% de estar viva. Por que não? É só uma questão de lógica.

Tudo bem, se estivesse viva eu teria que responder a outras perguntas: onde ela estava agora? Por que tinha

me abandonado? Por que meu tio estava mentindo? Mas essas eram perguntas que eu não estava fazendo naquela hora, uma coisa de cada vez, não é?

Você pode estar pensando que tudo isso é apenas coisa da minha cabeça. Deve estar pensando como minha mãe, que me dizia: você tem uma imaginação fértil.

Pode ser. Eu mesmo cheguei a pensar que essa ideia meio maluca podia ter a ver com as coisas que eu tinha lido (ou visto no cinema). Principalmente, podia ter a ver com um livro que minha mãe leu para mim.

O título é *O estranho caso do cachorro morto*. É um romance. Conta a história de um garoto de quinze anos, Christopher Boone, que resolveu investigar a morte de um cachorro, Wellington, de que ele gostava muito e que um dia encontrou morto no jardim.

Tirando o cachorro, a história dele era um pouco parecida com a minha. E eu gostava muito do Christopher. Gostei do Christopher desde a primeira vez que minha mãe leu a história.

Então pode ser isso, não vou dizer que não. Mas uma coisa é certa: aquela dúvida já tinha entrado na minha cabeça. E quando uma ideia entra nos seus pensamentos é muito difícil tirar de lá. Às vezes é impossível, eu acho.

Por exemplo, não posso tirar dos meus pensamentos a saudade da minha mãe. Não posso deixar de pensar nela, de sonhar com ela, de sentir falta dela me contando história de noite quando eu era pequeno, ou lendo alguma coisa para mim no sofá da sala, ou me levando ao cinema no sábado à tarde.

Como tirar tudo isso dos pensamentos? Nem se eu quisesse. E a mesma coisa acontece com a minha dúvida. Não adianta você dizer que isso é só imaginação minha, que é claro que minha mãe está morta, não adianta, agora que a dúvida resolveu morar na minha cabeça não tem mais jeito, já era.

Quer dizer, existe um jeito sim de tirar minha dúvida de lá, só um jeito: ter certeza. E isso eu ainda não tenho.



Uma coisa nunca faltou no apartamento da minha mãe: livros.

Minha mãe era professora de literatura. Dava aula numa escola perto de casa. Quase toda semana ela chegava com algum livro novo, às vezes era uma sacola cheia. Dizia que precisava daquilo para o trabalho, mas duvido. Jamais conseguiria ler tanta coisa, nem se vivesse cem anos.

Não teve tempo de ler nem metade daqueles livros todos, que se esparramavam por cada canto do apartamento. Verdade seja dita, não era um apartamento grande, só um quarto e sala. Meu pai tinha deixado um apartamento maior, de herança, mas ela vendeu e comprou um menor.

Disse que precisava do dinheiro para bancar nossas despesas, porque o salário dela na escola não era lá grandes coisas, e que não precisávamos de um apartamento muito grande porque éramos só nós dois